



CATARINA FURTADO

EMBAIXADORA DE BOA VONTADE UNFPA E PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO CORAÇÕES COM COROA

FORAM PLANTADAS DEMASIADAS SEMENTES DE ESPERANÇA E ASSINADOS DEMASIADOS COMPROMISSOS QUE NÃO TÊM RESPOSTA. ESTES NOSSOS JOVENS SABEM DISSO, COMO SABEM QUE SERÃO ELES E ELAS AS FUTURAS LIDERANÇAS.

“S

“Sei o que são contraceptivos e quanto custam, mas aqui não há. Sei qual é o horário de atendimento do posto de saúde, o nome da enfermeira e sei onde fica a escola, mas a distância e o custo dos transportes são incomportáveis para o orçamento familiar. Conheço a lei e as ONGs que dão apoio jurídico e escolar, mas como sou rapariga não posso viajar sozinha. Participo numa Conferência sobre Juventude onde todos os oradores são rapazes e do total de participantes apenas 10% são raparigas. Sei que se o assunto fosse Igualdade de Género, o cenário seria o oposto. As raparigas até participam, mas o momento da eleição pertence sempre aos rapazes. Elas não têm tempo para a política. A figura do Presidente e do Diretor é sempre a de um homem, as mulheres preenchem os lugares de assistente e secretária.”

Estas foram algumas das frases que ouvi com frequência nas visitas de terreno que tenho vindo a fazer e que hoje recupero para acompanhar esta crónica com informações partilhadas pela ONU. No Relatório sobre o Estado da População Mundial de 2014, do UNFPA, são analisados os 1.8 mil milhões de jovens de hoje (dos 10 aos 24 anos) que representam um quarto da população mundial. Estão identificados os desafios permanentes do presente em matéria de justiça social, igualdade de oportunidades, saúde e educação e é sobretudo com estes rapazes e raparigas de todo o mundo que o futuro terá de ser construído. Estes 1.8 mil milhões – onde se encontram os nossos filhos e filhas, sobrinhos, primas, netos – estão hoje e a cada dia que passa a moldar o desenvolvimento social, económico e ambiental e a ditar a base daquilo que queremos ver nascer em matéria de Direitos para todas as pessoas.

Os avanços tecnológicos e os efeitos globais na área da comunicação e do acesso à informação são determinantes para a criação de uma cidadania mais conhecedora, consciente e mobilizadora. O acesso à Internet, aos telemóveis e às redes sociais

por parte dos jovens, com uma facilidade e atualização únicas, traz novas linguagens e paradigmas para os grupos, famílias, comunidades e nações e que por isso não nos podem deixar indiferentes ou correremos o risco de debitarmos discursos empedernidos sobre uma juventude “antiga”, onde a dinâmica intergeracional e de conhecimento tinha como atores únicos as famílias, a escola, o grupo de amigos e alguma imprensa.

Hoje para saber mais, conhecer lugares, culturas e pessoas, falar com quem se gosta está, para muitos rapazes e raparigas, à distância de um clique. Este clique pode ser determinante e estrutural para as suas expectativas face à vida e ao desenho do mundo em que querem participar num pleno exercício dos seus Direitos. Foram plantadas demasiadas sementes de esperança e assinados demasiados compromissos que não têm resposta. Estes nossos jovens sabem disso, como sabem que serão eles e elas as futuras lideranças.

No entanto, estes avanços ainda não têm consequência na sustentabilidade do Desenvolvimento que assegure a realização efetiva das suas potencialidades, nem chegam a todos. A muitos adolescentes (até aos 19 anos) – principalmente meninas – são negados os investimentos e as oportunidades de Desenvolvimento a que têm direito: 26% das raparigas (39 milhões) e 17% dos rapazes em idade escolar (11-15 anos) não foram matriculados na escola em 2008; cerca de 215 milhões de crianças trabalham a tempo inteiro ou parcial, enquanto 75 milhões de jovens mais velhos (15-24 anos) não conseguem encontrar emprego; as complicações com a gravidez e o parto são uma das principais causas de mortalidade para raparigas entre os 15 e os 19 anos. Para milhões em todo o mundo, a puberdade é acompanhada de violações dos Direitos Humanos, em particular no âmbito da saúde sexual e reprodutiva. Milhões de meninas são coagidas e forçadas a ter relações sexuais e a casar, enfrentando também o risco de gravidezes indesejadas, infeções sexualmente transmissíveis (ISTs), incluindo o VIH e o parto não seguro.

Desenvolvimento e Direitos Humanos continuarão a ser designações “demasiado genéricas” e as frases que reproduzi “demasiado frequentes” até que sejamos realmente capazes de fazer o nosso papel: Investir para Empoderar Adolescentes e Jovens. Temos um papel à nossa espera: ser consumidores e contribuintes informados e conscientes, capazes de investir social e politicamente para garantir o fim de todas as formas de discriminação, violência e pobreza. Não podemos nem devemos desvalorizar o poder do nosso papel individual. Não podemos continuar à espera. Por nós e por eles: os 1.8 mil milhões de corações que batem! ■

**CONTINUAMOS
À ESPERA.**